

 ALMA FEMININA NA OBRA *A MULHER: SUA MISSÃO*
SEGUNDO A NATUREZA E A GRAÇA DE EDITH STEIN

Ursula Anne Matthias *

Moisés Rocha Farias **

RESUMO

O artigo traz novos parâmetros para o pensar antropológico, de maneira particular, do ser feminino. Edith Stein, lançando suas bases no Aristotelismo-Tomista numa perspectiva fenomenológica, nos remete a uma efetivação daquilo que somos por essência. Todo ser humano necessita descobrir-se como tal e, com efeito, buscar sua plenificação. Há na mulher peculiaridades que fazem parte de uma totalidade maior, que uma vez esclarecida, irá capacitá-la a vivenciar seu ser feminino, atingindo assim o cerne de sua existência.

PALAVRAS-CHAVE: Alma. Gênero. Espécie. Individuação. Mulher.

ABSTRACT

This article sets new parameters on the anthropological thought, particularly for the female being. Edith Stein with a phenomenological perspective based on a Aristotelian-Thomism bring us to a validation of what we are in essence. Every human being needs to discover itself as it, and seeks in fact a sort of fullness. The woman has in itself peculiarities that are part of a bigger totality which once its complete makes her capable of experiencing the whole of its female being so she can hits the center of her existence.

KEY-WORDS: Soul. Gender. Species. Woman. Individualization.

* Doutora em FILOSOFIA pela *Universidade de Santa Cruz de Roma*, Professora na *Faculdade Católica Rainha do Sertão*.

** Graduado em FILOSOFIA pelo *Instituto Teológico Pastoral do Ceará - ITEP*.

INTRODUÇÃO

No universo filosófico a presença das mulheres é algo raro, ainda mais quando se trata de questões referentes à mulher. As reflexões de Edith Stein são de uma vitalidade e coerência científica que enriqueceram o aprofundamento filosófico da questão feminina, tanto do seu tempo, como também do nosso, de fundamentos até então não levados a sério.

A proposta steiniana para a antropologia é mais do que um simples resultado do esforço humano: é uma descoberta. A base de sua tese que pode até parecer por demais simples está na doutrina aristotélica da “*alma forma corporis*”, ainda que de forma latente. Foi preciso chegar ao séc. XX para torná-la explícita e assim gerar uma certa revolução em toda a antropologia filosófica.

Trata-se de entender filosoficamente o ser feminino, caracterizado por uma profunda união entre o seu interior e exterior, o qual denominamos “mulher”. Mas o que é uma mulher? Poderíamos por uma simples experiência conceituar este ser? Faz-se necessário buscarmos fontes seguras, livres de tendências e modismos para darmos cabo a esta questão.

Daí o conteúdo do presente artigo restringir-se ao essencial, para um possível despertar do ser feminino. Por meio dele compreenderemos que “nenhuma mulher é somente *mulher*”¹; ela é capaz de viver sua vida de tal maneira a irradiar sua presença feminina para além de sua existência biológica, terrena, e de fazer acontecer a história da humanidade como aquela que viveu em plenitude seu ser humano, seu ser mulher.

¹ Stein, Edith. *A mulher segundo a natureza e a graça*, p. 62.

1.0 A ESTRUTURA BÁSICA DA ALMA

Para podermos refazer o itinerário que levou Edith Stein à descoberta da especificidade da alma feminina, bem como o que a norteou é necessário compreender o sentido de “alma” para nossa autora:

(A vida da psique) [...] aparece como a ação combinada de forças diferentes: a força sensível, que se apresenta a respeito da apreensão dos dados sensíveis e nos impulsos sensíveis, e a força espiritual, que é uma força totalmente nova e diferente da primeira e se manifesta nas atividades e capacidades espirituais.²

A alma é parte integrante na tríplice estrutura humana corpo-alma-espírito. Tanto o homem como a mulher “têm em seu ser as mesmas características humanas básicas”³, algo como um substrato comum, que serve como base para as diferenças genéricas e específicas. Como estrutura básica, a alma assume uma dupla função: “quanto espírito, se eleva em sua vida espiritual acima dela mesma”⁴. Quanto ao corpo, porém, “esta se manifesta [...] à semelhança dos animais”.⁵

A diferenciação homem-animal, que não nega certos paralelismos encontrados se dá pela correta compreensão da alma sensitiva e da alma espiritual:

É possível, portanto, detectar na esfera vital dois níveis, um sensível (*sinnlich*) e outro espiritual (*geistig*). Por um lado eles estão conexos de forma tal que a força espiritual é condicionada por aquela sensível – normalmente, de fato, a vivacidade do espírito desaparece com o cansaço do

² BELLO, Ângela Ales, *A fenomenologia do ser humano*, p. 155.

³ STEIN, Edith. Op. Cit., p. 207.

⁴ JACINTA, Turolo Garcia. *Edith Stein, e a formação da pessoa humana*, p. 59.

⁵ IBIDEM.

corpo – por outro lado, podemos constatar também a independência dos dois momentos – por exemplo, reconheço o valor de uma obra de arte, mas sou incapaz de sentir entusiasmo.⁶

O homem e a mulher vivem aqui a liberdade; essa é a essência de sua pessoa, aquilo que os caracteriza como seres racionais, capazes e humanos no sentido mais genuíno. O que vem a ser a alma feminina (como a masculina) está inserido nesta dimensão humana comum.

Dessa maneira, a alma é o princípio de unidade do corpo humano. Ela e o corpo não são dois seres distintos; mas princípios distintos do mesmo ser. A alma constitui um “espaço interior no qual o eu se move livremente”.⁷ Segundo Stein o interior é o ‘lugar’ onde a alma é a possessão de si mesmo tornando o eu consciente e livre para decidir suas ações.

Após um esboço geral do que seria a alma para Edith Stein e dos conceitos que nos facilitarão na compreensão do seu itinerário, agora apresentaremos as duas análises: a fenomenológica e a aristotélico-tomista, respectivamente, que apesar de serem independentes, porém são compatíveis entre si. Ambas possibilitaram a descoberta steiniana.

2.0 ANÁLISE FENOMENOLÓGICA E ARISTOTÉLICO-TOMISTA

2.1 Da observação fenomenológica ao *ethos* feminino

Utilizando o método fenomenológico⁸, Edith Stein analisa o ser humano em seus diversos níveis em busca da

⁶ BELLO, Ângela Ales. Op. Cit., p. 154.

⁷ JACINTA, Turolo Garcia. Op. Cit., p. 59.

⁸ Edith Stein apreendeu o método fenomenológico diretamente com o seu fundador, E. Husserl, que a quis como sua assistente em Friburgo,

essência humana, o que de fato caracteriza o ser humano e de forma especial a mulher.

Em sua análise, Edith Stein percebe um feixe de diferenças, começando pela dimensão corpôrea-material. Percebendo que, anatomicamente, o homem possui diferenças nítidas em relação à mulher, bem como seu funcionamento se dá de maneira diversa. Existem aparelhos biológicos distintos nos diferentes sexos e esta observação permite conclusões interessantíssimas, quando se aplica o princípio tomista *anima forma corporis*⁹. Sob a luz deste princípio, E. Stein avança segura para sua descoberta. Com o discorrer do método, ela chega ao *ethos*:

Na acepção do termo, *ethos* exprime algo duradouro que regula os atos do ser humano, não se trata de uma lei imposta de fora ou de cima, antes, é algo que atua dentro do ser humano, uma forma interna, uma atitude de alma constante, aquilo que a escolástica chama de hábito. Tais atitudes constantes da alma conferem à variedade de comportamentos uma

CONTINUAÇÃO DA NOTA 8:

logo depois de laurear-se. Com Husserl, considera como tarefa da fenomenologia a busca das essências, voltando ‘às próprias coisas’. Contudo, ela encontra a sua própria posição filosófica como fenomenóloga, distanciando-se de várias posições do mestre. Assim, não concorda com a idealidade do conteúdo cognitivo proposto por Husserl bem como na questão metafísica da origem do eu cognitivo. Ela “afirma ter identificado a essência da essência, que consiste não só no ser essencial, mas também no ser atual-real, nos seus objetos” (BELLO. Ângela Ales, Op. Cit., p. 89). Mais tarde, esta necessidade de realismo favoreceu a sua abertura à filosofia aristotélico-tomista, na impossibilidade de restringir-se a fenomenologia. Todavia, nas suas investigações que caracterizam sua originalidade ela permanece fiel ao método fenomenológico, porém numa visão bastante ampliado.

⁹ Cf. STEIN, Edith. Op. Cit., p. 57.

determinada marca homogênia, e é através dessa marca que eles se manifestam externamente.¹⁰

O *ethos*, também visto como hábito possibilita a E. Stein, constatar mais um feixe de diferenças no nível comportamental psíquico, por hora analisado. No seu escrito sobre “O *Ethos* das profissões femininas”,¹¹ ela desenvolve uma série de outras características desse *ethos* feminino:

A atitude da mulher tem em vista o pessoal-vivente e visa o todo. Cuidar, velar conservar, alimentar e promover o crescimento: esse é seu desejo natural, genuinamente maternal... O pessoal-vivente, objeto de suas preocupações, é um todo concreto e requer os cuidados e incentivos com um todo.¹²

Segundo Edith Stein, a mulher tem uma predisposição maternal que se une à de ser companheira. A alegria, a felicidade da mulher consiste justamente em dividir, compartilhar com outra pessoa de si mesma. Se formos coerentes com a máxima tomista da *anima forma corporis*, somos inevitavelmente levados a concluir que:

Só quem estiver ofuscado pela paixão da luta poderá negar o fato óbvio de que o corpo e a alma da mulher foram formados para uma finalidade específica [...] a mulher é destinada a ser companheira do homem e a mãe dos seres humanos. Para isso está preparado seu corpo, e a isso corresponde igualmente sua peculiaridade psíquica. A existência dessa peculiaridade psíquica é, outra vez, um fato evidente da experiência; [...] onde as forças são tão diferentes, deve haver também um tipo de alma diferente, apesar da natureza humana comum.¹³

¹⁰ STEIN, Edith. Op. Cit., p. 55.

¹¹ Cf. IBIDEM.

¹² IDEM, p. 57.

¹³ IBIDEM.

E. Stein está convencida de que ninguém, guardando com honestidade os fatos da realidade, poderá negar suas conclusões. Essa percepção, ela irá alicerçar junto ao pensamento aristotélico-tomista, o qual passaremos agora a analisar, na perspectiva de encontramos embasamentos filosóficos que nos assegurem a existência de uma alma feminina.

2.2 Análise aristotélico-tomista

Dentro do rigor científico, Edith Stein confronta sua conclusão fenomenológica com o pensamento tradicional e depara-se com questões básicas da ontologia formal. Segundo ela:

Essa questão básica das questões femininas remete, porém, aos princípios da filosofia. Para poder respondê-la de maneira satisfatória, é necessário ter clareza a respeito da relação entre gênero, espécie, tipo, indivíduo, isto é, a respeito dos problemas básicos da ontologia formal que, para mim, é aquilo que Aristóteles visava com sua primeira filosofia.¹⁴

Tendo manifestado o ponto de partida de E. Stein, poderemos também nós seguir seus passos. Portanto, iremos aprofundar os conceitos da tradição aristotélico-tomista que nos possibilitará uma melhor compreensão. Alguns conceitos básicos: O ser em quanto ente possui a existência como complemento da sua essência. Por ato de ser, entendemos aquilo que o faz ser, existir, ser diferente do nada. O homem é uma substância composta de forma e matéria, ambos indispensáveis para constituir o ser humano.

¹⁴ STEIN, Edith. Op. Cit., p. 187.

Considerando esta base tomista, Edith Stein, delinea as características do ser humano da seguinte forma:

O ser humano é um ser que possui um corpo, uma alma e um espírito. Enquanto o homem é, por sua própria essência, espírito, ultrapassa a si mesmo, com sua vida espiritual e entra no mundo que se abre diante dele, sem que perca nada de si [...] No entanto, o espírito humano está condicionado pelo que lhe é superior e pelo que lhe é inferior: está contido num produto material que ele anima e forma de acordo com sua forma corporal. A pessoa humana carrega e engloba seu corpo e sua alma, mas ela é, ao mesmo tempo, levada e envolta por eles.¹⁵

A doutrina hilemórfica nos leva a uma correta compreensão da relação entre a alma e o corpo. Assim, “a matéria adquire o ser em ato pelo fato de adquirir a forma”.¹⁶ É a partir dessa determinação e atualização da matéria pela forma, do corpo pela alma, que podemos falar da sua própria existência. Sem a alma, o corpo não seria *corpo*, não seria *aquele* corpo. A forma, além de conferir existência ao corpo, faz também com que ele se diferencie de todas as outras coisas, e de todos os outros corpos. E por meio da diversidade de formação da matéria podemos então transcorrer para uma compreensão de gênero e espécie. Pois bem, a diferenciação entre gêneros se dá na maneira em que a matéria é formalizada. Entre as espécies por sua vez se constituirá um agrupamento de modalidades específicas.

2.3 Síntese própria

Edith Stein usa o conceito de *espécie* a modo próprio, para descrever aquilo que todas as mulheres têm em comum

¹⁵ JACINTA, Turolo García. Op. Cit., p. 59.

¹⁶ MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. O ser da matéria, p. 85.

e todos os homens têm em comum respectivamente. Isso de maneira alguma destrói o conceito de que tanto o homem como a mulher estão inseridos no conceito de espécie humana, consagrado pela antropologia.

Certa forma concretizará uma determinada espécie que E. Stein define assim: “Por espécie entende-se aqui algo fixo que não muda. A filosofia tomista usa nesse caso também o termo forma, referindo-se à forma interna que determina a estrutura de alguma coisa”.¹⁷ Portanto, chegamos ao conceito de espécie tendo em mente as diferenciações manifestadas pela matéria concretizada em um indivíduo que por sua vez diante da multiplicidade do mesmo nos possibilita uma agrupação de indivíduos que receberam os mesmos efeitos formalizantes. Quanto a isso Edith Stein esclarece:

Segundo a minha convicção, a espécie humana se desdobra na espécie dupla homem e mulher; de modo que a essência do ser humano, em que não deve faltar nenhum traço de um ou de outro lado, se manifesta de dupla maneira revelando-se a marca específica em toda a estrutura do ser. Não é só o corpo ou as funções fisiológicas que são diferentes, a vida toda no corpo é diferente, a relação entre a alma e o corpo é diferente, e no âmbito da alma difere a relação entre o espírito e a sensibilidade bem como relação entre as diversas forças espirituais. À espécie feminina corresponde à unidade e a integridade de toda a personalidade psicofísica, o desenvolvimento harmonioso das forças; a espécie masculina se destaca pela potencialização máxima de forças isoladas.¹⁸

Com estas palavras, Edith Stein torna claro o seu pensamento acerca da existência de uma especificidade, a

¹⁷ STEIN, Edith. Op. Cit., p. 186.

¹⁸ IDEM, p. 206.

“alma feminina”, que para o universo filosófico soa como uma realidade nova, uma nova forma de conjecturamos a antropologia filosófica. Passaremos agora a contemplar mais de perto o comportamento e os efeitos da espécie da alma feminina.

2.4 Espécie de alma feminina

Tendo percorrido os dois caminhos de investigação filosófica, da fenomenologia e da tradição aristotélico-tomista, podemos agora abordar o aspecto da espécie feminina. Com as características abstraídas da fenomenologia bem como por meio do raciocínio aristotélico-tomista, Edith Stein afirma que mesmo sendo uma só a natureza humana, há diferenças que se fazem notar entre homem e mulher, e as quais se encontram no âmbito do ser.

Apresentaremos a visão de Edith Stein no que diz respeito às características típicas da mulher, tendo já esclarecido a existência da especificidade da alma feminina que ela pôde verificar pelos seus estudos e sua vivência empática, para uma melhor compreensão do ser feminino. A especificidade da mulher segundo E. Stein consiste em que:

A atitude da mulher é pessoal sob vários aspectos. Primeiramente, ela gosta de dedicar-se com toda a sua pessoa àquilo que que (sic) está fazendo. Além disso, tem um interesse especial na pessoa viva, concreta, tanto no que diz respeito à própria vida quanto a outras pessoas e assuntos particulares.¹⁹

Com isso, nos parece claro que a mulher tem uma predisposição natural à maternidade e a ser companheira. Segundo nos atesta E. Stein: “Em todas, encontro uma índole

¹⁹ IDEM, p. 282.

comum: o desejo de dar e de receber amor, e com isso, a aspiração de serem tiradas da estreiteza de sua existência real atual para serem guindadas a um ser e agir mais elevado”.²⁰ Até mesmo a ligação da alma com o corpo é mais estreita, por causa da disposição natural da mulher para a maternidade.

A alma feminina está mais presente em todas as partes do corpo de modo que se sente mais atingida em seu íntimo por tudo que lhe acontece, enquanto para o homem o corpo assume mais o caráter de instrumento que está a seu serviço, o que provoca certo distanciamento. Mas também a vida espiritual da mulher se diferencia da do seu companheiro. A mulher traz presente em si uma agudeza espiritual, sua sensibilidade ao transcendente lhe remete a viver em seu íntimo voltada em direção a Deus: “é um fato antigo, que a alma feminina se mostra especialmente receptiva para a religiosidade, de modo que era inevitável que também ela fosse atraída por esse movimento”.²¹

Nesta diferenciação que está estreitamente ligada à vocação materna da mulher, E. Stein acentua uma dupla possibilidade de vivenciá-la: uma de maneira espiritual e outra de maneira biológica, sendo a primeira primária e indispensável, a segunda, ao invés, até dispensável. Segundo E. Stein a maternidade é uma atitude de alma, é um colocar-se completamente a serviço do outro que necessita de cuidado. Por sua vez o ser companheira, estar ao lado do homem, não se limita à relação marital, mas é antes um dar de si, de sua feminilidade, de sua capacidade de humanização.

Não poderíamos esquecer um aspecto que foi conquistado no século passado pelas mulheres, a profissão.

²⁰ IDEM, p. 112.

²¹ IDEM, p. 164.

E. Stein viveu esse novo acontecer nas práticas femininas e em sua análise contempla o aspecto acima referido, consciente da situação de reviravolta histórica e propulsora profética de mudanças profundas da atuação da mulher, cujos frutos vivemos ainda hoje:

Essa atividade, economicamente ativa, é aceita como um mal necessário, sem muita reflexão ou resistência. Nas classes média e alta, a atividade profissional da mulher (com exceção de bem poucas ocupações) era considerada algo inaceitável e inconveniente desde a época da reforma, que negando o ideal da virgindade acabou restringindo a atuação da mulher ao seio da família, até há poucas décadas.²²

Neste contexto, E. Stein defende a atividade profissional da mulher, reconhecendo o grande desafio de conciliar a vida familiar de mãe, esposa, cuidar de uma casa, com o trabalho fora de casa. Para E. Stein “não há profissão que não possa ser exercida por uma mulher.”²³ Contudo, é preciso perceber que se faz necessária cautela para que essa busca de uma profissão não seja simplesmente um ter que se esforçar para ser igual ao homem. A mulher profissional deve enriquecer a sociedade e as pessoas que encontra na sua profissão como mulher, sem abrir mão a todo o potencial humanizador do seu ser feminino.

Potencialidades existentes em seu ser, uma vez trabalhadas, tornam a mulher uma potência, capaz de atos jamais vistos. E é justamente para isto que E. Stein empreende uma verdadeira batalha nesta descoberta do ser feminino. O seu maior desejo está em fazer com que a mulher não mais

²² IDEM, p. 160.

²³ IDEM, p. 61.

esteja paralisada em si mesma, presa a um pensamento de emancipação que nada mais é do que a ratificação de uma realidade machista, como veremos a seguir.

A atividade profissional, bem entendida e vivida, traz grandes benefícios para a sociedade e para a própria mulher. A mulher que quer viver sua missão de mãe e companheira precisa desenvolver-se. Caso contrário, conviveremos com um atrofamento constante do ser mulher, vulnerável a fraquezas típicas, que podem ser trabalhadas e encontrar um remédio numa atividade organizada, disciplinada, como é a atividade profissional.

3.0 TIPOS E INDIVIDUAÇÃO DA ESPÉCIE FEMININA

É possível, é legítimo tentar uma “tipologia” a alma feminina? A nossa autora responderia afirmativamente, visto que toda a experiência científica pressupõe esta possibilidade e progride através da sua aplicação.

Todo ser físico é caracterizado por uma estrutura específica que o determina, e que não se identifica ao indivíduo, pois o que se constata é a multiplicidade de indivíduos com uma mesma estrutura específica. E a ciência progride justamente partindo desta primeira constatação tipológica que permite uma sistematização.²⁴

A compreensão da tipologia se dá na medida em que mesmo diante duma espécie, podemos observar diferentes maneiras de sua concretização. Acontece um agrupamento de membros que apesar de estarem num mesmo grupo maior que seria a espécie se subdividem de acordo com suas particularidades. A partir desta classificação podemos não só observar, mas também conceituar estes subgrupos, já que

²⁴ MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. *O ser da matéria*, p. 99.

“nem toda mulher incorpora perfeitamente o modo feminino de ser”.²⁵ Sendo assim, constatamos que mesmo na espécie feminina há múltiplas formas de concretização da matéria.

Sendo que, “a alma humana como tal não é um ser pronto, parado, seu ser é vir-a-ser em que as forças que ela traz ao mundo em sua forma germinal devem desenvolver-se pela atividade”,²⁶ nos deparamos com vários estágios da alma que dependendo do processo do vir-a-ser, podem se tornar um tipo, apesar de a alma estar sempre disponível a amadurecer. Nessa trajetória anímica, nossa autora defronta-se com mulheres de diversos tipos: sexual, romântica, escrava [...] e plena, o que passaremos a apresentar.

3.1 O tipo sexual

O tipo sexual é representado por aquelas almas femininas, que por estarem mais presentes em seu corpo por ter a afetividade como centro de sua alma, na carência de qualquer formação, vivem em função de seus sentimentos e sensualidade, deslocando facilmente na prostituição em seu sentido mais amplo. Tal alma feminina se deixa guiar pelo “instinto surdo do caos primitivo”.²⁷ E. Stein, em uma das suas conferências em Zurique descreve este tipo da seguinte forma:

Parece que essa unilateralidade exprime uma determinada tendência: ela destaca o elemento animalesco e instintivo em oposição a um idealismo mentiroso e um intelectualismo exagerado que gostaria de elevar-se acima da realidade terrena.²⁸

²⁵ STEIN, Edith. Op. Cit., p. 131.

²⁶ IDEM, p. 113.

²⁷ IDEM, p. 108.

²⁸ STEIN, Edith. Op. Cit., p. 111.

Esse tipo é marcado por uma concentração do seu interesse e de sua força no campo sexual, podendo ocorrer já na infância. Todo seu ser como pessoa reage a estímulos frente ao ser do sexo oposto. Daí a importância da abertura para uma educação consciente em nível afetivo-sexual já na infância, que possibilite ao ser feminino uma maturação condizente com uma finalidade de mulher e não para objetivar-se unicamente no prazer sexual: “A mulher que vive, exclusivamente, em função de seus instintos procurará furtar-se dos deveres da maternidade”.²⁹

3.2 A mulher romântica

O tipo romântico é o tipo idealizador que espera o homem perfeito, os filhos perfeitos, ou até mesmo uma comunidade religiosa perfeita, criando um mundo à parte da realidade. Como consequência, sofre por não ter aquilo que sua fantasia criou como ideal, e pior, perde a possibilidade de crescer, e fazer crescer os demais que a cercam concretizando sua missão como mulher.

Ainda como característica do tipo romântico, a mulher torna-se dominadora senão afetivamente, mas psicologicamente. Mulheres deste tipo querem exercer seu poder nos que estão ao seu redor, isto é, no esposo, filhos, parentes, amigos [...] Por não ter o que sua fantasia criou de ideal desejam ter posse das pessoas com se fossem objetos e propriedade sua. A esse respeito, reitera E. Stein: “A mulher que, cheia de receios, vigia seus filhos como propriedade sua tentará prendê-los a si de todas as maneiras (se possível até excluindo os direitos paternos) podando sua liberdade de desenvolvimento.”³⁰ Não

²⁹ IDEM, p. 93.

³⁰ IBIDEM.

importando com a felicidade dos outros, parece-lhe que o mundo gira ao seu redor, Apresenta-se por outro lado, com uma forte dependência e incapacidade de decisão sobre sua vida.

3.3 A escrava

Um outro tipo de mulher é a escrava ou mulher emancipada, que deixa latente a recusa da dependência do desejo de amar e ser amada, tomando então “uma atitude agressiva contra o sexo masculino, revelando, justamente nesse posicionamento, a existência da dependência”.³¹

É preciso deixar claro que E. Stein vive no período da efervescência do movimento feminista. Este, apesar de trazer inúmeros benefícios à participação da mulher na sociedade, infelizmente estava embasado em conceitos por demais contraditórios ao ser feminino e à sua finalidade. Diante de tal realidade, nossa autora apresenta seu ponto de vista acerca de uma possível descoberta do papel da mulher junto ao homem, sem limitar a sua dignidade e personalidade à tarefa de viver em função do homem: “Não me parece querer dizer que a mulher foi criada só por causa do homem, pois toda criatura tem seu próprio sentido que é ser imagem do ser divino à sua maneira particular.”³² A mulher não é em hipótese alguma meio para a realização masculina. O fato de ela ter sido colocada como auxiliar sob uma perspectiva judaico-cristã não a torna inferior, pois o fato de tornar-se auxiliar só se realiza através de uma escolha livre.

Ao se tratar da relação entre mulher e homem, E. Stein sublinha a igualdade na dignidade, sendo as diferenças

³¹ IDEM, p. 210.

³² STEIN, Edith. Op. Cit., p. 216.

motivo de fazer da complementaridade uma profunda comunhão de amor.

Não se fala aqui em *domínio* do homem sobre a mulher. Ela é chamada de *companheira* e de *ajudante*, e do homem se diz que ele se unirá a ela e que ambos formarão *uma* só carne. Assim, dá-se a entender que a vida do primeiro casal humano deva ser entendida como a mais íntima comunidade de amor, que tenham cooperado em harmonia perfeita das forças, [...] sem possibilidade de antagonismo.³³

Ora, a mulher tem seu lugar ao lado do homem, não acima, não abaixo, nem no lugar do homem. As últimas três posições desfiguram a imagem feminina e põe em risco sua plenitude. A mulher, para E. Stein, precisa se reconhecer como mulher e isto quer dizer ser diferente do homem. Tal constatação porém, em nenhum momento deve inferiorizá-la como ser humano. Vimos que a posição de uma pseudo ‘emancipação’ traz em si lutas interiores, um sentimento de inferioridade, apresentando-se mais do que como conquista feminina como triste fruto de uma realidade machista. A mulher que, em nome da emancipação, sacrifica o que lhe é mais próprio e mais precioso, o seu ser feminino, não alcançará nem realização nem felicidade e priva a sociedade daquilo que somente ela, a mulher, pode dar.

3.4 Mulher em sentido pleno

Até agora descrevemos tipos que trazem em si características de uma má formação, mas E. Stein também consegue descobrir o tipo de mulher plena, realizada em sua feminilidade capaz de colocar com todo vigor suas capacidades para a realização de sua missão como mulher.

³³ IDEM, p. 76.

Para podermos ter uma compreensão do que seja uma mulher plena é preciso que voltemo-nos para sua alma e contemplamos sua finalidade. Pelas características do corpo e pelo *ethos* que foram moldados pela ‘forma’ feminina podemos perceber que a alma está destinada à maternidade e a ser companheira do homem.

Por isso, a alma da mulher precisa ser ampla e aberta a tudo o que é humano; ela precisa ser cheia de paz para que as pequenas chamas não sejam apagadas por vendavais; ela precisa ser quente para que as sementinhas frágeis não se congelem; ela precisa ser clara para que as ervas daninhas não possam alojar-se em cantos e dobras escuras; reservada para que os assaltos de fora não ponham em perigo a vida em seu interior; vazia de si para que a outra vida tenha lugar nela; e, finalmente, senhora de si e de seu corpo para que toda a sua personalidade esteja preparada para atender a qualquer chamado.³⁴

A alma é quem medeia entre o corpo e o espírito recebendo em si não só uma missão corpórea, mas também espiritual, pois faz parte do seu ser. Segundo Edith Stein toda alma humana é criada por Deus. Todos recebem uma forma especial que os distingue dos demais. Deste modo em sua característica pessoal já está prevista a vocação para uma atuação adequada e única.

A missão da mulher enquanto tal é a maternidade. Dentro dessa, porém, verifica-se empiricamente que nem todas as mulheres geraram biologicamente. Neste sentido, Edith Stein se dá conta de que é preciso ampliar o sentido materno que não restringe a uma maternidade biológica nem a contradiz, mas vai além, abrindo-se a uma maternidade numa dimensão espiritual que não tem menos valor que a biológica.

³⁴ IDEM, p. 140.

Em Nossa Senhora, Edith contempla o modelo perfeito de mulher, pois sendo Virgem, tornou-se Mãe. Em Maria, as mulheres, independentemente de suas vocações específicas, estão possibilitadas de alcançar a plenitude do ser feminino.

E. Stein tem consciência da sua escolha, mas o que faz escolher é justamente a capacidade e a certeza da finalidade da mulher em virtude de sua função: a missão da mulher e a força que traz dentro de si de gerar vida, de transformar seu ambiente sua inclinação ao transcendente. E. Stein quer ser uma voz de libertação e de um despertar para aquilo que a mulher é capaz de ser e fazer por ser mulher:

Sendo Maria o protótipo da mais pura feminilidade,[...] não será suficiente levantar os olhos a ela para chegar ao objetivo, será necessário segui-la com confiança... Por isso, não são apenas as mulheres, mas todos os cristãos que devem imitar Maria. Para as mulheres, ela tem, porém, um significado especial: o de levá-las à sua forma adequada, feminina, da imagem de Cristo.³⁵

Devemos ainda ressaltar que todos os tipos são estados que podem ser modificados. Apesar de possuírem características próprias e não cristalizadas, os tipos, diferentemente da forma que é caracterizada por sua determinação, tem em si um movimento que permite a passagem de um para outro: “As jovens que temos diante de nós não estão definitivamente presas ao tipo que representam atualmente.”³⁶

Aqui entra em questão a formação que é fator determinante conceituado assim:

³⁵ IDEM, p. 221.

³⁶ IDEM, p. 210.

O processo (ou trabalho) que confere à aptidão da alma um (sic) configuração moldada. (Costuma-se falar também em formação como resultado desse processo, ou seja, a forma que a alma adquire, ou eventualmente a alma assim moldada ou até o material espiritual que ela assimila.)³⁷

Edith Stein sustenta que a formação é fundamental para o desenvolvimento plenificante do ser e que é ela depende de nossa livre vontade e colaboração. A alma que é a forma determinante da matéria, traz em si o germe de sua plenitude. Cabe à mulher e não a outrem, levar a bom termo a realização de seu ser pleno pela auto-formação. Este ser pleno já está contido em sua essência:

Não se trata de um material inerte que precisa ser modelado e formado de fora [...] Trata-se antes de uma raiz viva em formação, que possui em si mesma a força germinativa (forma interna) para desenvolver-se numa determinada direção, ou seja, em direção àquela forma completa e figura perfeita que deve crescer e amadurecer a partir desse germe.³⁸

Portanto, na visão de Edith Stein, a mulher que naturalmente sente o desejo de plenitude possui a responsabilidade de realizá-la, devido ao livre arbítrio. Fazendo uso de suas potências, abre-se à uma ação ou força formadora, por parte de Deus, a qual, segundo E. Stein, coincide com a graça.³⁹

3.5 Individuação

A individuação defendida por Edith Stein tem por fundamento a observação dos fenômenos empíricos. Em meio à multiplicidade de concretizações da única natureza

³⁷ IDEM, p. 118.

³⁸ STEIN, Edith. Op. Cit., p. 117.

³⁹ Cf. Idem. p. 138.

humana, ou até mesmo das espécies masculina e feminina, faz-se necessário uma forma individualizadora, que faz do ente um ser único:

Toda alma humana é criada por Deus, todas recebem uma forma especial que a distingue das demais; essa sua individualidade com sua humanidade e sua feminilidade deve ser desenvolvida por seu valor de formação. Em sua característica pessoal já está prevista a vocação para uma atuação adequada.⁴⁰

Por isso; “Nem todas as mulheres incorporam perfeitamente o modo feminino de ser. As individualidades não são apenas diferenciações ao ser masculino que possibilitam o exercício de atividades que não podem ser consideradas tipicamente femininas.”⁴¹ Nos é necessário compreender, que dentro do universo da espécie humana feminina há diversos tipos, e em todos os diferentes tipos existe uma multiplicidade de indivíduos que de maneira única concretizam o ser feminino. Tal ‘classificação’⁴² não pode ser entendida em modo rígido:

Homem e mulher têm em seu ser as mesmas características humanas básicas, das quais prevalecem umas ou outras seja no respectivo sexo, seja no indivíduo. Por isso mesmo, as mulheres podem parecer-se bastante com os homens e vice-versa. Isso pode ser uma consequência da vocação individual.⁴³

⁴⁰ STEIN, Edith. IDEM, p. 222.

⁴¹ STEIN, Edith. IDEM, p. 131.

⁴² “Classificação” aqui recebe uma conotação de facilitadora para a apreensão de um conceito fruto de uma análise tipológica, jamais um enquadramento sem uma perspectiva da possibilidade de mudança até por que Edith acredita num progresso anímico.

⁴³ STEIN, Edith. Op. Cit., p. 208.

Edith Stein mostra assim, que o ser humano é único. Isso quer dizer que nenhuma mulher mesmo que esteja dentro de um determinado tipo jamais será igual a uma outra. Por isso é preciso que ela encontre sua vocação específica e a concretize como ser único e irrepitível, pois cada uma tem uma função fundamental na história humana.

CONCLUSÃO

Tendo pois apresentado, no que concerne ao pensamento steiniano, a base para uma revolução antropológico-filosófica, algumas considerações finais se fazem necessárias. Cremos ter abordado de maneira suficientemente clara a proposta de Edith Stein para a compreensão de uma especificidade do ser humano designado “mulher”.

Em sua essência a mulher é um ser distinto do homem, complementar, com características diferentes, mas de igual dignidade. Por isso, a atitude mais condizente não é certamente a de uma luta que perpassa culturas, gerações, povos e línguas.

A mulher é um ser maravilhoso do qual dependem a harmonia e a humanização da sociedade. Assim, este artigo vem a ser, também, uma forma de encorajar as mulheres de viver aquilo que têm por essência, seu ser feminino. A humanidade precisa das mulheres, precisa de mulheres em caminho rumo ao seu ser pleno, esperando os efeitos da mais genuína feminilidade: a maternidade, o companheirismo, o amor maduro e incondicional, a capacidade afetiva e a empatia, tão características de seu ser.

A marca indelével de Edith Stein foi à busca pela verdade, e a força das verdades encontradas pode animar não somente a nossa, mas também gerações futuras:

[...] Uma geração pobre de valores espirituais e sedenta de espiritualidade volta-se para qualquer lugar onde, em qualquer época, o espírito jorrava em abundância para saciar a sede. E este é um instinto sadio, porque o espírito é vivo e não morre. Onde ele estava, em qualquer época, no trabalho de plasmar a vida dos homens e as obras criadas pela mão do homem, não deixa só vestígios inertes, mas continua a viver nessas obras uma existência secreta, como brasas escondidas e bem guardadas, cuja chama se alteia clara, resplende e acende fachos, quando um sopro vivificador as anima.⁴⁴

Deixemos, pois que o sopro vivificante da verdade, inspirado com a vida de Edith Stein, possa nos aquecer, animar nossa existência que busca juntamente com ela a verdade. Tornemo-nos fachos, que por onde passam, aquecem. A vivacidade de nossas almas, sejamos homens ou mulheres, está como brasas escondidas, ela existe, pois é obra do Espírito que está vivo e não morre.

⁴⁴ JACINTA, Turolo Garcia. Op. Cit., p. 126.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLO, Angela Ales. *A fenomenologia do ser humano*. Tradução de Antonio Angonese. Bauru (SP): EDUSC, 2000.

GARCIA, Jacinta Turolo. *Edith Stein: e a formação da pessoa humana*. São Paulo: Loyola, [199-] .

MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. *O ser da matéria*. Recife: Universitária, 1976.

PEDRA, José Alberto. *Edith Stein. Uma santa em Auschwitz*. Curitiba: Rosário, 1998.

AQUINO, Tomás de. V. III. Tradução de Luiz J. Baraúna. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção *Os Pensadores*)

STEIN, Edith. *A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça*. Tradução Alfred J. Keller. Bauru (SP): EDUSC, 1999.

CRUZ, J. Cruz. *Enciclopédia GER*. Disponível em < <http://www.canalsocial.net/GER/fic?id=5612&cat=filosofia> > Acesso em 21 set. 2006.